



Boletim do Venerável D. António Barroso

Director: Amadeu Gomes de Araújo, Vice-Postulador
Propriedade: Associação dos Amigos de D. António Barroso. NIPC 508 401 852
Administração e Redacção: Rua de Luanda, n.º 480, 3.º Esq. Junqueiro 2775-369 CARCAVELOS
Tlm.: 934 285 048 – E-mail: vicepostulador.antoniobarroso@gmail.com
Publicação trimestral | Assinatura anual: 5,00€

III Série

Ano VII

N.º 21

Outubro / Dezembro de 2017

Advento, tempo de esperança

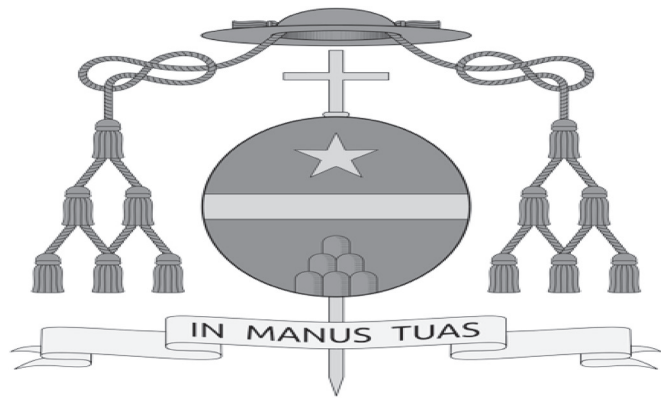
O Natal está a chegar. E o ano do centenário da morte de D. António Barroso está à porta



**Natal. Abrir portas.
Acender luzes na noite**



Nascimento, Morte, Ressurreição. D. António Francisco, grande amigo da Causa de D. António Barroso, partiu. Está nas mãos do Senhor: “in manus tuas”.



BARCELOS CELEBROU A MEMÓRIA DO VENERÁVEL D. ANTÓNIO BARROSO SESSÃO CULTURAL NO AUDITÓRIO DA BIBLIOTECA MUNICIPAL (04.11.2017)



Texto e imagens de
José Gomes Campinho,
Docente e Secretário da Direcção
da Universidade Barcelos Sénior

«Um dia, quando eu morrer, quero exéquias na grande Catedral do Porto. Não me façam elogios. Nesse dia, meditem sobre a responsabilidade do episcopado e sobre a responsabilidade do sacerdócio».

(D. António Barroso)

Foi com estas palavras, recuperadas, segundo disse, dum escrito de D. António Ferreira Gomes, que D. Januário Torgal Ferreira, bispo emérito das Forças Armadas e da Segurança, abriu a sua intervenção na cerimónia comemorativa do 163.º aniversário do nascimento de D. António Barroso, celebrado em Barcelos, no auditório da Biblioteca Municipal, no dia 4 de novembro passado.

Na defesa dos mais débeis

D. Januário Torgal Ferreira, que presidia a uma cerimónia evocativa de um bispo cujas virtudes acabam de ser reconhecidas no Vaticano pelo Papa Francisco, não perdeu a oportunidade para referir, naturalmente,



o homenageado, D. António Barroso, e a propósito, lembrar outros bispos, que na sua ação pastoral marcaram a diferença na defesa dos mais pobres e oprimidos. Foi o caso de D. Manuel Martins, que ele declarou ser «um português ímpoluto» e «um defensor de gente que nunca foi defendida, de gente com quem, em vez de promessas, fez compromissos e até com quem deixou de usar a palavra “pobre”, para usar a expressão “os mais débeis”»... E invocando os ventos da história para lembrar o epíteto por que era conhecido D. Manuel Martins, «o bispo vermelho», «por causa do qual – disse – eu estou aqui», D. Januário afirmou: «E como há bispos duma cor, santos ou pecadores, de cabeça aberta ou cabeça fechada, eu gostava de vos lembrar ainda um bispo, que está vivo, D. Manuel Vieira Pinto: foi posto no meio da noite num avião, depois de cuspidado e encharcado de todos os nomes que não vêm no dicionário e foi atirado para a metrópole» ... «Em 1967, afirmou o orador, dizia isto aos militares portugueses: Caríssimos oficiais, ouvi e dissei aos vossos soldados: sede construtores

e produtores de valores humanos; sede não apenas um serviço militar, mas, sobretudo, um serviço social em ordem ao bem comum; sede amigos de Deus que ama todos os homens. Na promoção da paz social, as forças armadas devem estabelecer a ordem justa, onde esteja a desordem; defender os direitos violados, onde haja violação dos direitos; realizar obras de paz em ordem ao bem comum... Foi cuspidado, vilipendiado, perseguido, traidor à pátria, meteram-no num avião para ser visto, com a polícia militar, sob a conivência da força política que mandava em Portugal... Depois regressou com olés, com flores, com palmas, após o 25 de abril»...

Os Sonhos de D. António Barroso

E referindo-se expressamente a D. António Barroso disse que teve três sonhos. Em primeiro lugar, «acabar com a ignorância religiosa, que é o maior inimigo de Deus». Por isso lutou pela escola. «Não por uma católica, mas uma escola ecuménica, universal, cívica», capaz de lutar contra «a ignorância total em que as

peças caem com o preconceito, a superstição, a beatice, os fanatismos, as perseguições à mão armada». «É que a perseguição a D. Manuel Vieira Pinto foi, sobretudo, objeto de católicos», disse D. Januário. «Não foram os ateus que o perseguiram. Como os maiores perseguidores de D. Manuel Martins com certeza não foram os ateus. É bom que se saiba isto.»

Em segundo lugar, o orador reconheceu que D. António Barroso foi pela subida do salário, o salário justo, digno nas condições histórico-sociais da época. Daí que tenha perguntado «por que é que a Assembleia da República não sobe o salário para pessoas que ganham tão pouco».

Finalmente, a luta pela cidadania, que é a defesa da cidade, a forma latina de dizer “política”. Para D. Januário Torgal Ferreira, o «rebenotar com um banco do jardim, o não pagar o salário, o destruir uma cabine telefónica, o não haver água, o haver uns tipos com um taco de baseball a arrebitarem com a vida dos outros são problemas de cidadania. E o bispo tem de se preocupar com isto».

«**Chegou o libertador**» ...

D. Januário afirmou que, «perante os erros e as injustiças, a Igreja, às vezes, fica em silêncio». Não foi

o que aconteceu com D. Manuel Martins, nem com D. Manuel Vieira Pinto, nem com D. Sebastião Soares de Resende, a quem perseguiram e retiraram a voz, porque, disse o orador, denunciou que «eram os pretos roubados de noite às famílias pela gente do colonialismo, levados para o mundo da selva, como escravos,



e as mulheres e os filhos ficavam abandonados».

E concluiu: «É por isso que o tema D. António Barroso Bispo é um tema profundamente atual. Mas tem de ser tratado nesta linha: no contexto social das dificuldades, das violências, das minorias, onde aparece um profeta a dizer: chegou o libertador».

«**Uma honesta e sábia investigação**»

A sessão solene comemorativa do 163.º aniversário do nascimento de D. António Barroso, teve como orador principal o sociólogo barcelense Carlos Silva, Professor

Catedrático Emérito da Escola de Sociologia da Universidade do Minho.

Carlos Silva, depois de ter respondido à pergunta «no quadro da I República, qual o papel exercido pelo bispo D. António Barroso em relação às populações rurais daquele tempo?», debruçou-se sobre «o lugar e o papel de D. António Barroso como cidadão e, sobretudo, como Bispo do Porto entre 1890 e 1918». Enquanto cidadão, segundo o orador, que também cita outros estudiosos do ilustre missionário e bispo, António Barroso é sobretudo o missionário que inova no terreno, «envolvendo leigos profissionais para

além dos padres, partindo do interior para o litoral, do campo para a cidade, dando preferência a populações abandonadas e carenciadas de auxílio, nomeadamente junto de jovens sem escolaridade». É o missionário «exceção, não só com o seu exemplo de convivialidade fraterna com os indígenas, como sobretudo na oposição e na denúncia de formas de tratamento brutal dos negros e indígenas por parte do “comprador de homens que tirava o filho ao pai e a filha à mãe, o despovoador da região, o destruidor de afetos, o homem sem coração que ganhava



punhados de ouro vendendo aquele que a religião dizia ser seu irmão»». É aquele que denuncia «as práticas de missionários que, no passado e no presente, pregavam que os homens eram todos irmãos, mas na verdade empreendiam negócios “mundanos” e tratavam os indígenas e os negros como escravos e tinham sobre eles todos os preconceitos: “imorais”, “bêbados”, “ladrões”, “preguiçosos”»... «O missionário, qual antropólogo feito no terreno, pretendia conhecer e compreender o seu povo, para o que não se poupava aos maiores sacrifícios e privações materiais», afirmou o professor Carlos Silva.

O posicionamento pro-monárquico de António Barroso – continuou o conferencista – viria a conflitar mais tarde, enquanto Bispo do Porto, com o poder republicano, sofrendo com o exílio a hostilidade de Afonso Costa para com a Igreja. Acrescenta, no entanto,



namento corporativista reformador, solicitando aos patrões contenção ao “lucro excessivo”, patente mais tarde numa pastoral de 25/4/1918 sobre a chamada crise das subsistências ou mesmo situações de fome, que alerta contra os que “exploram com tudo, até com a miséria dos pobres”. Segundo D. António Barroso, a questão social “é no fundo uma questão moral que só poderá resolver-se, não pela luta de classes, mas sim, com o Evangelho na mão, pelo acordo dos mútuos interesses, pela aliança dos espíritos, pela harmonia dos cora-

social de ontem e de hoje não é só uma questão moral que não se resolve pela “aliança dos espíritos e harmonia dos corações, como afirmava D. António Barroso, na esteira do Papa Leão XIII, não tenho contudo qualquer pejo em reconhecer que, *mutatis mutandis*, perante a crueldade do neoliberalismo e do capitalismo financeiro de hoje, seria bom e urgente que estes apelos de D. António Barroso tivessem algum eco na sociedade e sobretudo nos partidos não só sociais-democratas, mas inclusive democratas-cristãos de hoje que, infelizmente, não têm (e basta ver os programas e práticas de austeridade recém aplicadas no passado governo PSD/CDS). Aliás não têm em Portugal, como não têm na Europa e no Mundo».

D. Januário Torgal Ferreira saudou e felicitou o professor Carlos Silva pela sua «honesta e sábia investi-



que, «se tivermos em conta não só o projeto de secularização radical de dirigentes republicanos como a política republicana de abandono ou mesmo menosprezo das populações rurais sobrecarregadas de impostos, é compreensível, mesmo que não justificável, o seu posicionamento reativo».

Mas Carlos Silva também se referiu à questão social daquela época, para cuja resolução D. António terá assumido, na esteira da doutrina social da Igreja plasmada na *Rerum Novarum* de Leão XIII (...), um posicio-

ções, cristãmente”. E Carlos Silva, «mesmo discordando dos pressupostos político-ideológicos», afirmou acreditar «ser possível encontrar algumas vias de convergência na ação prática com as genuínas convicções de D. António Barroso, no quadro da doutrina social da Igreja, em prol das classes sociais mais desprovidas».

Talvez por isso tenha terminado a sua dissertação declarando: «Mesmo para aqueles como eu, que considero que estes apelos corporativos e piedosos enfermam de um idealismo social e filosófico, porque a questão

gação», apelando a que a publique, «que é fundamental para compreendermos o que um certo número de portugueses não entendeu e continua a não entender».

A sessão solene evocando o nascimento de D. António Barroso foi abrilhantada pela atuação da Orquestra Juvenil da Banda de Oliveira e terminou com a sobrinha-neta do homenageado, a Dr.^a Maria Arminda Barroso Ferreira, a depositar uma coroa de flores junto à estátua, erigida na Praça do Município.

Evocação de Maria Arminda Barroso Ferreira, sobrinha-neta do Venerável D. António Barroso



Ex.mas Autoridades, minhas senhoras e meus senhores

O que nos une neste lugar, junto deste importante monumento, erigido por subscrição pública e inaugurado em 3 de Setembro de 1931, é ser ele um símbolo do reconhecimento, do carinho e do apreço pelas virtudes de D. António Barroso que desde cedo os barcelenses sentiram e sentem por este filho da Terra.

D. António formou-se no Colégio das Missões Ultramarinas sendo ordenado sacerdote e missionário em 20 de setembro de 1879. Foi bispo missionário em Moçambique, como bispo de Himéria, de 1891 a 1897. Foi bispo e missionário na Índia, como bispo de Meliapor, de 1897 a 1899. Estando ainda na Índia foi nomeado bispo da Diocese do Porto em 1899, ali se mantendo até 1918. Em 1900 visitou pela 1ª vez Barcelos como Bispo do Porto; nesta data foi atribuído o seu nome à Rua Direita. A Cidade recebeu-o festivamente.

A questão religiosa da 1ª República trouxe problemas sérios à Igreja Católica. Seguiram-se anos de exílio para o Bispo do Porto, por não ter acatado determinações do Governo Provisório da 1ª República, hostis a posições da Igreja. Esses anos de exílio levaram-no para fora da Diocese e não lhe permitiram a saída para vários distritos (Braga, Vila Real, Aveiro, Viana do Castelo, Viseu, etc.) Só em 1914 a Câmara de Deputados da República permitiu que o Bispo do Porto voltasse à sua Diocese e pudesse praticar atos de culto.

No exercício das suas funções e ao longo do seu percurso de vida foi: um promotor da dignidade humana; uma pessoa humanista, pondo sempre o centro

dos seus interesses no Homem; um homem de ação e de trabalho; um lutador pelo bem e apoiante dos que a ele recorriam; com os seus parcos recursos ajudou e protegeu os mais pobres, os mais desprotegidos e os mais marginalizados; foi sempre um homem de trato fácil e de boas relações com aqueles com quem colaborava.

O bispo D. António José de Sousa Barroso deixou traços inesquecíveis na sua passagem por Angola, Moçambique, Índia e em Portugal, na cidade do Porto, na assistência material e espiritual às populações locais, na promoção da educação de jovens, na assistência social aos mais humildes. Destacou-se ainda pela forma como lutou a favor dos princípios da Igreja, resistindo quanto podia contra as perseguições que o poder político de



então fazia à Igreja Católica. É considerado um Bispo “rebelde e sem medo”, capaz de persistir nas suas convicções.

Com os dois exílios a que foi condenado em Portugal, acrescidos da dureza do clima africano a que esteve sujeito durante vários anos, os problemas de saúde que já tinha agravaram-se cada vez mais, acabando por levar ao seu falecimento na madrugada de 31 de agosto de 1918, com 63 anos de idade.

No próximo ano celebraremos o centenário da sua morte. Os restos mortais encontram-se no cemitério paroquial de Remelhe em capela construída com essa finalidade e onde é hoje visitado por muitos devotos e crentes que a Ele recorrem nas suas aflições terrenas, por reconhecerem graças obtidas por sua intercessão.

Em 16 de junho de 2017 foi declarado Venerável pelo Papa Francisco com a publicação do decreto pontifício que reconhece as “virtudes heróicas” deste filho da Igreja Missionária e Bispo do

Porto. Segundo o Postulador da causa da postulação, Mons. Arnaldo Pinto Cardoso, «esta declaração constitui um passo determinante no caminho rumo à beatificação».

Trata-se de um gesto de justiça por parte da Igreja que ele serviu com tanta dedicação e fidelidade, coerência, coragem e zelo, como modelo de “varão justo”. A aprovação de um milagre é, desde agora, um passo necessário para a proclamação desta figura da Igreja como “beato”. Em março de 2015, D. António Francisco dos Santos, Bispo do Porto, encerrou o processo canónico de inquérito a uma cura milagrosa atribuída a D. António Barroso cuja conclusão seguiu para Roma. Aguardemos portanto os próximos acontecimentos.

Para terminar passo a ler uma nota daquele que foi até há bem pouco tempo Bispo do Porto, D. António Francisco dos Santos, recentemente falecido, que muita atenção deu a esta causa da canonização e se empenhou pessoalmente assim como a sua Diocese do Porto: “Com esta decisão do Papa Francisco o processo de canonização de D. António Barroso recebe agora novo e fundamental incentivo. Devemos-lhe muito do que hoje somos nesta Diocese do Porto e é um dia feliz e abençoado para todos nós”.

Que este exemplo e as suas palavras sejam para todos nós aqui presentes um testemunho pessoal e um agradecimento a todos aqueles que trabalharam e trabalharam no longo processo de canonização deste servo de Deus que sendo meu Tio-Avô de maneira particular me toca e deixa orgulhosa assim como a todos os meus familiares, e a todos os remelheses e barcelenses.

Tenho dito.





ROMAGEM À CAPELA-JAZIGO DE D. ANTÓNIO BARROSO (03/09/2017)

Texto e fotos de **José Gomes Campinho**

Celebrando o 99.º aniversário da trasladação dos restos mortais de D. António Barroso do Porto para Remelhe, os Amigos de D. António Barroso promoveram no dia três de setembro passado, mais uma romagem ao túmulo do insigne missionário exposto na capela-jazigo à entrada do cemitério daquela freguesia.

Como tem vindo a acontecer nos últimos anos, osromeiros reuniram-se na estação dos caminhos de Ferro de Barcelos e, por volta das 8h30, cantando e rezando, começaram a sua caminhada em direção a Remelhe.

A primeira paragem foi junto ao templo do Senhor da Cruz, já no centro da cidade, onde foram recebidos pelo Prior da Colegiada, Pe. Abílio Cardoso, que a todos lembrou o exemplo do insigne missionário, cujas virtudes foram reconhecidas como heroicas pelo Papa Francisco. Depois, seguindo pela popularmente conhecida como a Rua Direita, mas que na toponímia oficial da cidade, é a Rua D. António Barroso, os caminheiros pararam, na Praça do Município, junto da estátua erigida em honra daquele que foi bispo em três continentes, por ocasião do I Congresso Missionário Português, realizado em Barcelos em 1931. Daqui, ouvidas as palavras do Bibliotecário Municipal, Dr. Vitor Pinho, que exaltou a figura do antigo bispo do Porto e o seu amor à terra que o viu nascer e a Barcelos, sede do concelho, a pequena multidão, que, entretanto, se foi formando no decorrer do trajeto, chegou a Remelhe, pouco antes das 11, a hora prevista para a celebração da eucaristia. Foi tempo para o Dr. Vitor Pinho usar da palavra mais uma vez e, acompanhado de familiares de D. António, depositar um ramo de flores sobre o túmulo do missionário de Remelhe.

A romagem terminou com a representante do município a depor uma coroa de flores no memorial a D. António Barroso, localizado na rua em frente à igreja paroquial de Remelhe, estando presentes elementos das corporações dos Bombeiros Voluntários de Barcelos e Barcelinhos, bem como autarcas da freguesia de Remelhe e da União de Freguesias de Barcelos, Vila Boa e Vila Frescainha (S. Martinho e S. Pedro).

Seguiu-se a Eucaristia concelebrada pela Pároco de Remelhe, Pe. Tiago Barros que presidiu, e pelo Pe. António Luís da Silva Martins, da Sociedade Missionária da Boa Nova, que, na homilia, releveu o facto de D. António Barroso ter sido declarado venerável pelo Vaticano.

De recordar que D. António Barroso faleceu no Porto, a 31 de agosto de 1918, e «durante quatro dias (tarde de 31 até à tarde de dois de setembro) os diocesanos do Porto cercaram de homenagens o cadáver do notável missionário». O corpo foi trasladado para Barcelos no dia 4 por comboio, onde se manteve exposto ao público até ao dia 5, dia em que foi transportado para Remelhe e sepultado na sua terra natal em modesto sarcófago. A capela-jazigo onde hoje repousam os seus restos mortais, com projeto do Arq. Marques da Silva, foi «feita por subscrição pública, lançada pelo Comércio do Porto e dinamizada pelo Prof. Bento Carqueja». A trasladação do modesto sarcófago para a capela-jazigo realizou-se a 5 de novembro de 1927.



D. ANTÓNIO BARROSO UMA VIDA EXEMPLAR

Testemunho de

Duarte Nuno Pinto, *Economista*

A minha mãe guardava numa cómoda, na gaveta onde tinha objectos de valor sentimental, uma nota de 10 angolares com a efígie de D. António Barroso. Foi-lhe oferecida pelo meu avô quando regressou de Angola onde exerceu a sua actividade profissional em meados da década de cinquenta.

O meu avô materno recomendou-lhe a devoção ao D. António Barroso, a fama de santidade dele vinha já do tempo em que foi muito novo como missionário para Angola.

Na minha infância a minha mãe contou-me várias vezes, o episódio vivido pelo meu avô em Angola. Longe da família passava parte dos seus tempos livres em passeios numa motorizada. Certo dia, teve uma queda do seu motociclo e foi hospitalizado por ter ficado imobilizado. Um enfermeiro que o tratava, aconselhou-o a recomendar-se ao bispo D. António Barroso. Rapidamente o meu avô teve uma recuperação total da saúde que ele considerava milagrosa.

Porventura o meu avô desconhecia que D. António Barroso para além de sacerdote em Angola foi lá também professor de instrução primária na escola da sua paróquia, profissão da minha mãe e sua filha.

A primeira missão de D. António Barroso foi evangelizar, mas sempre associou a preocupação de ensinar



e formar a população africana defendendo uma igualdade de acesso ao ensino de todos. São suas estas palavras “Ao lado da missão religiosa e da escola para rapazes deve haver a escola para raparigas: não sendo assim nós andamos a civilizar meia humanidade mas escapa-se-nos a outra meia, quiçá a mais importante pelo predomínio que tem na formação dos costumes”.

Criou escolas agrícolas e a sua preocupação de ensino e formação manteve-se ao longo da sua vida missionária, em Angola, posteriormente como bispo quer em Moçambique quer na Índia (Meliapor).

Contemporâneo do papa Leão XIII (autor da encíclica *Rerum Novarum*) que conheceu pessoalmente, comungava também a doutrina social da Igreja, lamentando a exiguidade dos salários praticados.

Quando bispo do Porto, pugnou intransigentemente pela liberdade religiosa, motivo principal da grande injustiça de que foi vítima do exílio decretado pelos republicanos, tendo ele de facto convicções monárquicas, está em profunda contradição com a sua prática de vida exemplar incluindo valores tão pugnados pelos seus adversários políticos como facilmente se depreende do que atrás foi escrito.

Julgado arbitrariamente, todavia o júri republicano reconhece na “sentença” as elevadas qualidades morais e missionárias de D. António Barroso.

Como afirmou um intelectual e ministro da primeira República em 1918, no ano se seu falecimento, “D. António Barroso: o melhor exemplo que pode hoje apontar-se a uma sociedade sem virtudes e sem carácter”. Continua válido.



NATAL SOLIDÁRIO. FELIZ NATAL!

**Doar faz bem...
e não só a quem
recebe...**



CHEGAM PEDIDOS DE INFORMAÇÕES SOBRE D. ANTÓNIO BARROSO

Desde que D. António Barroso foi declarado Venerável, temos recebido, por e-mail, vários pedidos de informações diversas solicitadas por católicos dos Estados Unidos, Filipinas, Espanha e Eslováquia.

Visitas à Capela-Jazigo. De 1 de Abril a 31 de Outubro de 2017, registaram o seu nome ou pediram graças no Livro de Visitantes, 288 indivíduos. São naturais de: Barcelos (21), Barcelinhos (8), S. João da Madeira (13), Vila da Feira (3), V. N. Famalicão (5), Toronto– Canadá (1), Braga (3), Suíça (1), Santo Tirso (1), Cavalões (7), Cossourado (2), Roriz (4), Vilar de Pinheiro (1), Vila do Conde (4), Aveiro (2), Quintiães (1), Tamel S. Veríssimo (1), Pereira (10), Vila Seca (1), Carvalhal (7), Feitos (4), Vila Boa (3), Silva (4), Abade de Neiva (4), Galegos S. Martinho (2), Galegos Sta. Maria (2), Manhente (1), Sta. Eugénia (8), Alijó (2), Passos S. Julião (1), Areias (3), Rates (5), Barqueiros (1), Arcozelo (6), Bastuço (1), Fornelos (1), Minhotães (1), S. M. Vila Frescaíña (1), S. P. Vila Frescaíña (1), Vilar de Figos (6), Priscos (2), Pedra Furada (1), Chorente (4), Faria (3), Esposende (3), Várzea (1), Alvelos (11), Póvoa de Varzim (1), Midões (3), Trofa (2), Silveiros (2), Fornelos (1), Carapeços (2), Moure (1), Macieira (1), Arcozelo (1), Rio Covo Sta. Eulália (2), Vila Nova de Gaia (4), Remelhe (83), Arentim (2), Arnoso (3), Senhora da Hora (1), Vila Verde (1).

Com a colaboração de **Goretti Loureiro**

CONTAS EM DIA

A última relação de contas (até 31 de Março de 2017) está disponível no Boletim n.º XIX, III Série. Desde aquela data, até 30 de Novembro de 2017, foram efectuadas as seguintes despesas: Escola Tipográfica das Missões (Boletins XIX e XX): 538.89 € + 625.68 €; consumíveis, expediente, correio: 55.00; Postulador (para trabalhos de tradução do processo de D. António Barroso. Congregação da Causa dos Santos, Vaticano): 500.00 €. **TOTAL : 1.719,57 €.**

Entretanto, foram recebidos os seguintes donativos para apoio à Causa da Canonização e para despesas do Boletim: D.ª Laurinda Fonseca do Vale e Sr. Manuel Ribeiro Fernandes: Abril: 100.00€, Maio: 100.00€, Junho: 105.00€, Julho: 100.00€, Agosto: 100.00€, Setembro: 100.00€, Outubro: 100.00€, Novembro: 100.00€; Assinantes da freguesia de Remelhe: 613.00€ (Com a colaboração de D.ª Laurinda Fonseca do Vale, Sr. Augusto Faria dos Penedos, D.ª Maria Amélia Campos Seara, D.ª Ana Maria Silva Coutinho, Sr. Augusto da Costa Martins, D.ª Margarida Barroso Simões, Sr. Mário da Costa Lopes, D.ª Maria Magalhães Faria Senra) ; Dr. Serafim dos Anjos Martins Falcão: 10.00€; Sr. Manuel Augusto Miranda Senra: 30.00€; Semanário Voz Portucalense (colecta do dia da Família VP): 296.69€; Dr. Adelino Cristóvão: 100.00; Franciscanas Missionárias de Maria (Irmã Paula Machado): 20.00€; Dr. António Cruz Feliciano: 20.00€; Dr. António José Gonçalves Barroso: 60.00€; Anónima (Barcelos): 20.00€; D.ª Maria Alice Gomes de Araújo, Sr. Abílio Ribeiro Oliveira, D.ª Maria de Lurdes Guimarães Costa, D.ª Marinha Adozinda Torres Gomes, D.ª Maria do Carmo Costa Arantes e D.ª Maria de Lurdes Roriz Martins: 30.00€; Dra. Lúcia Gomes de Araújo Sousa: 30.00€; D.ª Ana Martins Figueiredo: 10.00€; D.ª Ana Teresa Arrais: 10.00€. **TOTAL : 2.054,69 €.**

AVISO!

O BOLETIM TEM NOVA MORADA. Toda a correspondência destinada à Postulação ou ao Boletim deve ser dirigida a RUA DE LUANDA, N.º480 3.º ESQ. / 2775-369 CARCAVELOS

A conta em nome do «Grupo de Amigos de D. António Barroso», na Caixa Geral de Depósitos, Oeiras, para apoio à Causa da Canonização ou para as despesas do Boletim, mantém-se:

NIB: 003505420001108153073. IBAN: PT50003505420001108153073. BIC: CGDIPTPL